

Luís Cabral, *A Capela Musical da Sé do Porto no Século XVI*, Porto, ed. do autor, 2003, 87 páginas

“Os livros da Fábrica da Sé continuam a ser a base – principal e quase única – para a reconstituição, ainda que só em parte, da vida musical na Sé do Porto, durante o séc. XVI, no que respeita à música litúrgica, incluindo a de cariz polifónico.” (p. 63) Partindo deste princípio, Luís Cabral apresenta-nos nesta pequena obra uma resenha de elementos recolhidos nos doze volumes que constituem aquele espólio e que completa com informação proveniente de outras fontes manuscritas e impressas, coevas ou contemporâneas.

O autor manifesta, logo na introdução do livro, o seu interesse pela História da Música na cidade do Porto, para o desenvolvimento da qual tem contribuído com outros trabalhos como a organização do *Catálogo do fundo de manuscritos musicais da Biblioteca Pública Municipal do Porto* (Porto, BPM, 1982) ou a compilação de Cláudio Carneiro: espólio musical, em colaboração com Jorge Costa e Maria Adelaide Meireles (Porto, BPM, 1995). No presente caso, porém, não estamos apenas perante a organização de um simples catálogo (instrumento de trabalho de fundamental importância para a investigação) mas perante uma tentativa de interpretação dos elementos fornecidos por registos, livros de contas, recibos, etc. Esta informação,

sequenciada, organizada e confrontada com outras fontes fornece ao leitor uma imagem bastante precisa e fundamentada em factos do que terá sido a vida musical naquela catedral, principalmente na segunda metade de quinhentos.

Assim, encontramos sequências cronológicas de profissionais ligados à prática da música (moços de coro, cantores, mestres de capela e organistas) bem como informação relativa aos responsáveis pela manutenção dos órgãos e aos próprios instrumentos. Segue-se informação sobre as remunerações dos diversos cargos, particularmente interessante na medida em que compara os vencimentos dos músicos da Sé do Porto com os de outras igrejas e até com os de alguns cargos civis do Município (p. 45). Já a informação sobre o repertório cantado na matriz do Porto peca pela sua escassez, não por culpa do autor mas devido ao facto de não ter chegado até aos nossos dias a maior parte dos exemplares dos livros de coro que constam dos diversos inventários existentes. Luís Cabral tenta colmatar a lacuna remetendo para outras fontes como os estudos de Artur de Magalhães Basto publicados em 1945 e para alguns estudos de repertórios paralelos como “A Música Litúrgica na Sé de Braga no século XVI: observações sobre o conhecimento actual” de João Pedro d’Alvarenga (*Boletim da APEM*, nº 58, Julho-Setembro 1988, pp. 38-47) propondo como metodologia um tipo

de abordagem comparativa que terá de ser usada enquanto não se encontrarem elementos fidedignos sobre a matéria.

Na ausência de um regimento específico da Capela, também o capítulo sobre a organização musical da Sé se baseia parcialmente num estudo comparativo; neste caso, o autor recorre ao regimento da Sé de Elvas. No entanto, a existência de uns Estatutos da Sé do Porto, datados de 1596 (p. 54), permite ao autor tirar algumas conclusões sobre diversas competências e obrigações de alguns dos responsáveis pela música naquela Sé (pp.54-55). O livro termina com um capítulo dedicado a referências musicais extraídas das Constituições Sinodais portuenses de 1477, 1497, 1541 e 1585. Por experiência própria já tivemos oportunidade de verificar o valor informativo deste extraordinário repositório de regras que, ao transpor para uma região a lei imposta pela Santa Sé, ao organizar o funcionamento das igrejas, ao autorizar ou proibir determinados comportamentos, proporciona ao leitor actual um retrato original (e por vezes pitoresco) das práticas e dos costumes de uma época para nós tão distante.

Este pequeno livro de Luís Cabral é revelador do “prazer e paixão” (p.15) com que o autor aborda o tema da vida musical da Sé do Porto no século XVI. É um estudo despretenso que resulta de uma pesquisa individual séria mas que está limitado pelo âmbito restrito

do fundo abordado. É um trabalho que nos fornece dados importantes sobre o tema proposto mas que, embora de inegável interesse e utilidade, precisa de ser ampliado com abordagens paralelas que venham completar a informação já obtida. A questão do repertório, por exemplo, merece ser aprofundada pois parece existir uma contradição entre o facto de haver vários músicos apontados como cantores de canto de órgão enquanto as referências a repertório mencionam quase exclusivamente livros de cantochão. Além disso, a Sé do Porto, no século XVI como em outra épocas, foi a cabeça de um importante corpo de igrejas e a consulta de outros fundos pode ajudar a perceber, entre outras coisas, como e onde eram recrutados os músicos, qual o seu percurso, etc. Neste momento, estamos perante algo que parece ser uma pequena amostra com grande potencial. Passados que são alguns anos sobre a publicação desta obra, talvez o autor tenha já novos elementos que possam completar o esboço aqui traçado e proporcionar aos estudiosos da matéria novas informações sobre o tema.

*Adriana Latino*